

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JULIANA PEDROLLO VIANI

**A SENHORA DAS ESPECIARIAS: ANÁLISE DA QUESTÃO DA IDENTIDADE A
PARTIR DE UM OLHAR SEMIÓTICO**

CURITIBA

2017

JULIANA PEDROLLO VIANI

**A SENHORA DAS ESPECIARIAS: ANÁLISE DA QUESTÃO DA IDENTIDADE A
PARTIR DE UM OLHAR SEMIÓTICO**

Monografia apresentada como requisito parcial à
obtenção do título de graduação, curso de Letras Inglês
Licenciatura, Setor de Ciências Humanas, Letras e
Artes, Universidade Federal do Paraná.

Prof.^a Dr.^a Anna Beatriz da Silveira Paula

CUTITIBA

2017

A todos que tiveram a paciência de me ouvir, repetida e longamente, explicar o tema deste trabalho, expor minhas inseguranças e dividir a alegria da escolha do objeto de estudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao destino, que, apesar de trazer a tristeza de um assalto, levou embora meu computador com uma versão menos elaborada deste texto, e trouxe a oportunidade da reescrita e aprimoração.

Agradeço também aos professores Anna Beatriz e Eduardo Henrique, pelo incentivo à escrita do texto que inspirou esta monografia.

À professora Janice, por me apoiar na mudança do objeto de estudo.

Aos meus familiares, pela compreensão e apoio durante os momentos de escrita.

Though this be madness, yet there is method in 't.

William Shakespeare

RESUMO

Atravessando a história da Índia, muitos eventos de migração intensa ocorreram por motivações bastante distintas. A recente diáspora moderna tem se mostrado como um movimento ainda muito diversificado e intenso de populações, e, além disso, profícuo para a arte literária. Esse é o caso da obra *A Senhora das Especiarias*, um romance diaspórico que retrata a migração em seu caráter mais simbólico. Esta monografia analisa como os aspectos da narrativa fantástica e o espírito transgressor da personagem principal ajudam a construir o discurso diaspórico. Iluminando o debate pela teoria de estudo semiótico da ficção de Anazildo da Silva, podemos entender com profundidade a relação estabelecida entre espaço e personagem na produção da realidade ficcional. Por isso, ao examinar a postura da personagem principal frente a uma narrativa centrada no acontecimento, busco justificar o comportamento transgressor como elemento indispensável para o processo de hibridismo cultural.

Palavras-chave: Transgressão, narrativa fantástica, semiótica, hibridismo cultural, diáspora, literatura indiana.

ABSTRACT

Throughout India's History, many events of intense migration have taken place. Lately, a modern diasporic movement is on process and writers often use it as a fount of inspiration. This is the case of *The Mistress of Spices*, a diasporic novel that portrays migrancy on a very symbolic level. The present paper provides an analysis of how fantastic narrative elements and the main character's transgressor attitude take part on the building of diasporic discourse. Enlightening the debate by applying Anazildo da Silva's theory of semiotic literary analysis, we are able to understand the depth in the relation between character and space in the building of fictional reality. Therefore, by examining the character's attitude towards an event centered narrative, this paper seeks to explore the transgressional element as a fundamental part in the process of a cultural hybridism.

KEY WORDS: Transgression, fantastic narrative, semiotics, cultural hybridism, diaspora, Indian literature.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

1.1. CONTEXTO

1.2. PERGUNTAS DE PESQUISA

1.3. OBJETIVOS

1.4. JUSTIFICATIVA

2. REVISÃO TEÓRICA

2.1. CULTURA E O CONCEITO DE HIBRIDISMO

2.2. IDENTIDADE CULTURAL E DIÁSPORA

2.3. TEORIA DE SEMIOTIZAÇÃO LITERÁRIA DO DISCURSO DE ANAZILDO DA
SILVA

3. METODOLOGIA

4. A SENHORA DAS ESPECIARIAS

4.1. CONTEXTUALIZANDO A NARRATIVA

4.2. ANALISANDO A NARRATIVA

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

6. REFERÊNCIAS

1. INTRODUÇÃO

1.1. CONTEXTO

A história da Índia é marcada por diversos eventos de migração e muitos autores já utilizaram esse tema como fonte de inspiração. No passado, “A diáspora indiana foi uma consequência da ocupação inglesa, os indianos eram levados como mão de obra barata para trabalhar em outras colônias inglesas”¹ (HANDY, 2015, p. 9). Recentemente, especialmente após a segunda metade do século XX, vem se desenvolvendo a diáspora moderna em que, apesar de não ser um movimento unificado, a maior parte dos indianos migrantes buscam países ocidentais, sendo inevitável o choque cultural (HANDY, 2015).

O equilíbrio entre a preservação da identidade e tradição e as necessárias adaptações ao novo ambiente cultural é o elemento norteador dos romances diaspóricos (HALL, 1992). Por isso, a teoria pós-colonial da literatura diaspórica tem sido uma importante ferramenta no entendimento e problematização das narrativas que lidam com a realidade da migração, assim como o movimento de literatura diaspórica indiano. Em pesquisas recentes (SHACKLETON, 2009), os estudos diaspóricos estão desafiando as perspectivas de cultura nesse tipo de situação, desenvolvendo novas maneiras de se pensar essas narrativas. Essa posição de enfrentamento narrativo tem sido importante e profícua nos estudos que exploram a movimentação não-ficcional de pessoas pelo mundo. “Tais estudos veem a migração em termos de adaptação e construção – adaptação às mudanças, aos deslocamentos e às transformações, e a construção de novas formas formas de conhecimento e visões de mundo”² (SHACKLETON, 2008, p. 9). Esse atual movimento da diáspora indiana tem sido retratado principalmente por um movimento largamente feminino na literatura. As autoras têm representado essa temática, literal ou metaforicamente, relacionando os impactos da migração na tradição e a identidade cultural.

Em muitas obras de autoras sul-asiáticas, o processo de migração é constituído pelo cruzar de uma linha, ou de muitas linhas, para ser mais específica. O ato de cruzar

¹ Todas as citações de obras em inglês foram traduzidas por mim no corpo do texto e apresentam sua forma original em notas de rodapé. “*Indian diaspora was an implication of the British occupation, Indians were carried off as cheap hand labour to work in many other British colonies*” (HANDY, 2015, p. 9).

² “*Such studies see migrancy in terms of adaptation and construction – adaptation to changes, dislocations and transformations, and the construction of new forms of knowledge and ways of seeing the world.*” (SHACKLETON, 2008, p. 9).

uma fronteira geográfica precede o atravessar de outras fronteiras metafóricas, por exemplo, aquelas entre os dois cenários culturais que operam a cultura da escritora, sua cultura nativa e a adotada.³ (HANDY, 2015, p. 14).

A narrativa fantástica *A Senhoras das Especiarias*, de Chitra Banerjee Divakaruni, uma escritora indiana-americana, evoca essa experiência diaspórica de uma maneira bastante simbólica. Apesar da obra ter sido explorada em outras pesquisas, na perspectiva do choque de tradições e seu reflexo na construção da narrativa ainda existe muito o que ser estudado. Por isso, esta monografia, por meio de análise fundamentada na teoria de semiotização do discurso literário de Anazildo da Silva, pretende investigar como tradição e transgressão se configuram no desenvolvimento do enredo. Para isso, eu irei explorar elementos do transculturalismo e hibridismo cultural na intenção de compreender como os processos de adaptação, deslocamento e transformação configuram Tilo⁴ enquanto transgressora.

³ “In numerous immigrant narratives by South Asian American women writers, the process of immigration is construed as the crossing of a line, or of several lines, to be more specific. The act of crossing the geographical line of the border precedes the crossing of more metaphorical boundaries, for example those between the two cultural scenarios operative in the writer’s’ native and adopted cultures” (HANDY, 2015, p. 14).

⁴ Tilo é a personagem principal da obra, que a partir do poder das especiarias ajuda seus clientes a enfrentar as adversidades da vida.

1.2. PERGUNTAS DE PESQUISA

Por que essa é uma narrativa de acontecimento? Em um segundo nível de análise, é uma narrativa de espaço ou personagem? Qual a metáfora que apoia essa análise? A partir dos estudos culturais, como a teoria de semiotização do discurso literário oportuniza a atitude transgressora de Tilo?

1.3. JUSTIFICATIVA

O universo da literatura indiana, apesar de muito extenso, antigo e rico, não participa do escopo de leitura da maior parte dos brasileiros. Ao analisar a obra *A Senhora das Especiarias*, busco trazer para o debate acadêmico um texto que, mesmo inserido na *global literature*⁵, pouco se insere nas discussões literárias do nosso país, sejam elas acadêmicas ou não.

Ao perseguir a normalização do estudo de obras pouco acessadas, pretendo manter aberta uma porta para que outros jovens pesquisadores, como eu, se sintam atraídos a essa literatura e produzam trabalhos ainda mais relevantes do que este. E, mais do que isso, busco subverter a noção de cânone, pois, segundo Klein (2013, p. 112),

A ligação do tema do cânone literário às repercussões amplas dos estudos pós-coloniais, sobretudo no que diz respeito à dimensão geopolítica da circulação dos textos literários, faz com que uma discussão sobre as estratégias de composição canônica seja também uma discussão sobre a potencial violência inerente a essas estratégias.

Complementando o trecho citado, a estrutura canônica ainda se posiciona em torno dos países que lideraram a empreitada colonial dos séculos XIX e XX, e se mantém enquanto estratégia imperialista. Por isso, em uma perspectiva pós-colonial, essa dimensão estratégica de “potencial violência” e dominação na literatura precisa ser questionada, visando uma movimentação do cânone também em direção às obras de países periféricos, sendo o volume da fortuna crítica um dos aspectos que colabora nesse processo.

⁵ “O termo *world literature* foi cunhado pelo escritor e estadista alemão Johann Wolfgang von Goethe, fazendo referência à disseminação da literatura entre os países de todo o mundo. Goethe, em sua frase famosa de *Letters to Johann Eckermann in 1827*, afirma que: ‘Literatura nacional já é um termo sem sentido; a época da literatura mundial está batendo à porta, e todos devem esforçar-se para abraçá-la.’ O termo *world literature*, ou como é usado por alguns pesquisadores *global literature*, no sentido moderno, se refere às obras literárias que são traduzidas para as mais variadas línguas e que circulam entre leitores de fora do seu país de origem.” (NAGLE, 2014, s.p.). Original do inglês: “The term ‘world literature’ was first used by the German writer and statesman Johann Wolfgang von Goethe, referring to the dissemination of literature from and to countries across the globe. Goethe famously stated in letters to Johann Eckermann in 1827, ‘National literature is now a rather unmeaning term; the epoch of world literature is at hand, and everyone must strive to hasten its approach.’ World Literature, or Global Literature as some scholars prefer, in the modern sense, refers to literary works that are translated into multiple languages and circulated to an audience outside their country of origin.”

2. REVISÃO TEÓRICA

2.1. CULTURA E O CONCEITO DE HIBRIDISMO

Para atingir com sucesso os objetivos desta análise, primeiramente é necessário reconhecer a cultura como um dos tópicos principais do romance *A Senhora das Especiarias*. Por isso, um entendimento do conceito de cultura é primordial, especialmente com a consideração do hibridismo da personagem principal, Tilo.

Cultura, em suas primeiras definições, era bastante relacionada ao conceito de “civilização”, sendo inclusive os dois termos considerados sinônimos. Com o tempo, cultura se transformou em um termo de referência às classes mais privilegiadas da sociedade. E, tomando distância de seu significado original, o conceito começou a simbolizar autenticidade, aquilo que enriquece e ilumina o humano nas suas esferas intelectuais e espirituais, enquanto “civilização” passou a referenciar falta de seriedade, a superficialidade de aspectos da vida em sociedade (SALOMÃO, 2015).

Depois, cultura deixou de ser um classificador de classe social para se tornar um demarcador de identidade nacional. Essa transição criou vertentes importantes na definição de cultura; sendo um deles o sentido de cultura enquanto expressão da totalidade da vida social de homens e mulheres em determinada sociedade (SALOMÃO, 2015, apud CUCHE, 2002). Essa noção leva em consideração o caráter social da cultura, enfatizando-a enquanto processo na vida em sociedade, como hábito adquirido. Representando essa evolução na sua conceitualização, durante o século XIX e a primeira metade do século XX, cultura foi percebida como produto de qualquer ambiente social. Apesar de representar um avanço na concepção, a cultura manteve um aspecto homogêneo e estático (SALOMÃO, 2015).

Adicionando um pouco mais de flexibilidade, a segunda metade do século XX apresentou novos *insights* sobre o conceito de cultura, caracterizando-a enquanto um sistema de símbolos. Dessa maneira, o estudo da cultura

[...] representaria um sistema simbólico, composto de teias de significado, os processos culturais deveriam ser lidos, traduzidos e interpretados, ou seja, estudar a cultura é investigar o código de símbolos partilhado por seus membros (salomão, 2015, p. 369).

Permitindo, assim, uma análise mais profunda das interações entre culturas.

Assim como a cultura em si foi objeto de estudo de muitos teóricos, a relação entre culturas também passou a ser. As interações culturais têm sido longamente discutidas desde a segunda metade do século passado, permitindo que as teorias se desenvolvessem muito, passando de uma interpretação multicultural, para a intercultural e, finalmente, até uma abordagem transcultural com foco central na figura do híbrido (SALOMÃO, 2015). O estudo da transculturalidade

[...] teria como ponto de partida o caráter interligado das culturas como condição: culturas se interpenetram em combinações mutantes por natureza devido às migrações e turismo, aos sistemas de comunicação global, à interdependência econômica e à globalização da produção de bens (SALOMÃO, 2015, p. 377).

A suposição dessas conexões entre culturas aos poucos foi eliminando o mito da “cultura pura” de um país e, por algum tempo, promoveu o mito da “cultura global” (BHABHA, 1996). Por essa nova lógica ser baseada em uma forte ideologia colonial, ela falhou completamente na explicação dos movimentos migratórios e, obviamente, nos jogos culturais do pós-colonialismo (BHABHA, 1996).

Alguns estudiosos do começo do século XX, como T. S. Eliot, inferiram que esse novo padrão migratório havia atualizado a “tradicional” imposição cultural do colonialismo (BHABHA, 1996). Porém esses migrantes, ao trazerem suas culturas junto com eles e por enfrentarem um processo de “adaptações, deslocamentos e transformações” (SHACKLETON, 2008, p. 9), possuem uma nova cultura misturada, representando os laços que os prendem tanto à cultura original quanto à nova. E essa ligação conflituosa representa o que Bhabha (1996) chama de “terceiro espaço”.

De fato, a própria cultura ao misturar-se configura o terceiro espaço, sendo essa mistura denominada por Bhabha como cultura híbrida. “A ‘diferença’ que constitui o híbrido pode ser temporal, política, racial, social ou econômica”⁶ (BHABHA, 1998, p. 5), significando que os indivíduos híbridos não estão apenas presentes em situações de migração, mas em toda e qualquer relação entre diferentes sujeitos.

Bhabha (1998, p. 5) afirma que essa “diferença” foi e ainda é “[...] reconfigurada enquanto discriminação espontânea ou desigualdade estrutural”. Ao apontar isso, Bhabha aponta que o híbrido e/ou o terceiro espaço não representam a relação ideal e pacífica entre as culturas. Em outras palavras, elas *não são o resultado* de um processo completo de adaptação entre culturas em que o produto final é um indivíduo possuidor daquilo que há de melhor em

⁶ “The ‘difference’ that constitutes the hybridity can be temporal, political, racial, sexual, social or economic” (BHABHA, 1998, p. 5).

cada uma. Elas representam *uma permanente* negociação, a qual pode ser uma relação muito desigual e conflituosa também. Por isso, o transculturalismo aponta que, apesar da percepção do senso comum ser positiva, a intersecção entre culturas e o híbrido podem se configurar de intensos embates.

De acordo com Lewis (2002, s.p.)

[...] o transculturalismo está tão interessado na dissonância, tensão e instabilidade quanto está nos efeitos estabilizadores da combinação social, sororidade e organização. Ele busca iluminar diferentes aspectos da cultura e os modos como determinados grupos sociais “criam” e “distribuem” seus significados.⁷

Sendo o híbrido um símbolo de adaptação cultural, seja esse um processo marcado por aspectos positivos ou negativos, estabilizadores ou não.

⁷ “[...] transculturalism is as interested in dissonance, tension, and instability as it is with the stabilizing effects of social conjunction, communalism, and organization. It seeks to illuminate the various gradients of culture and the ways in which social groups “create” and “distribute” their meanings.”

2.2. IDENTIDADE CULTURAL E DIÁSPORA

A questão da identidade cultural é muito relevante para a teoria social, e esse debate vigoroso argumenta essencialmente que as identidades culturais do passado, que regeram o mundo de uma maneira conflituosa e ao mesmo tempo estável por tanto tempo, “[...] estão fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno em sua unificação enquanto sujeito”⁸ (HALL, 1992, p. 274). Esse movimento de desarranjo de identidades está fragmentando as “paisagens culturais” de “classe, gênero, sexualidade, etnicidade, raça e nacionalidade que nos dão posicionamento enquanto indivíduos sociais”⁹ (HALL, 1992, p. 275).

Dessa forma, atravessando a história desde o Iluminismo, três diferentes conceitos de identidade¹⁰ foram centrais nessa questão. Como o mais relevante para este estudo, o sujeito pós-moderno é conceitualizado como não possuidor de uma identidade sólida, fundamental ou constante (HALL, 1992). A identidade é sinalizada em sua relação com “sistema cultural simbólico” (SALOMÃO, 2015) como algo em contínua formação e transformação e, como resultado, o sujeito assume diferentes identidades durante a vida. Sendo a identidade entendida enquanto produção, algo que nunca está completo, e como um processo constituído a partir da representação social do sujeito.

De acordo com Hall (1992), esse movimento de deslocamento pós-moderno expõe a crise da identidade, que um dia já foi considerada fixa e sólida, mas agora é centro de uma inquietação e dúvida. Apesar de reconhecida, primeiro, pelo indivíduo e, depois, pela comunidade, esse desconforto na verdade é combustível para o processo de transformação, especialmente em comunidades em que houve colonização.

Esse deslocamento na identidade não está apenas produzindo novas formas de narrativa individual, mas sendo importante no processo de reescrita da “identidade cultural”. Hall (1990, p. 223) afirma que existem pelo menos dois tipos de conceber a “identidade cultural”:

A primeira posição define “identidade cultural” em termos de uma única cultura comunitária, um tipo de verdade coletiva escondida dentro de muitas outras, uma forma mais superficial ou artificial de imposições de um “eu coletivo”, que pessoas com um mesmo passado histórico e ancestralidade têm em comum.¹¹

O ato de referenciar a identidade cultural (IC) como reflexo de um incidente histórico comum e códigos culturais mútuos produziu a noção de comunidade. Essa estrutura sólida e sem fim de referência e significado apoiam os aspectos realmente históricos de um povo.

⁸ “giving rise to new identities and fragmenting the modern individual as an unified subject.” (HALL, 1992 p. 274).

⁹ “class, gender, sexuality, ethnicity, race and nationality which give us firm locations as social individuals” (HALL, 1992 p. 275).

¹⁰ “(a) sujeito iluminista, (b) sujeito sociológico, (c) sujeito pós-moderno” do original em inglês “(a) Enlightenment subject, (b) sociological subject, (c) postmodern subject” (HALL, 1992 p. 275)

¹¹ “The first position defines ‘cultural identity’ in terms of one, shared culture, a sort of collective ‘one true self’, hiding inside the many other, more superficial or artificially imposed ‘selves’, which people with a shared History and ancestry hold in common.” (HALL, 1990, p. 223).

Encarar a IC nesses termos provoca pensar que ela “[...] teve papel principal em todos os conflitos pós-coloniais que profundamente remodelaram o mundo”¹² (HALL, 1990, p. 223).

Nesse processo, indivíduos e comunidades, que uma vez foram ou ainda são colonizados, estão expondo sua IC comum por meio das artes, cabendo aqui ressaltar nas produções literárias. Esses textos estão funcionando como importantes ferramentas na recriação do “imaginário de completude ou plenitude”¹³ (HALL, 1990, p. 225) posicionado contra o passado colonial trágico.

Em uma segunda dimensão, está outra conceitualização de IC. Assumindo os muitos pontos de proximidade e, também, de distância, essa visão apoia-se nas questões internas, como “o que nós realmente somos?” e “o que nos tornamos?” (HALL, 1990). Nessa segunda noção, o que se é e o que se pode ser são questionamentos de igual importância, pois essas questões guiam os pensamentos para o passado tanto quanto guiam para o futuro.

Como já apontado, a IC tem caráter processual histórico, e, sendo um produto da história, passa por constantes transformações. Por isso, ela, como qualquer outro tipo de identidade, é o que denomina as diferentes posições assumidas nas narrativas do passado e as que desejamos assumir nas futuras. Ao postular isso, Hall (1990) explica que essa segunda abordagem da IC é muito mais apropriada para a compreensão do poder e da normatização da cultura colonial, sendo o discurso do colonizador a voz dominante nas perspectivas de alteridade estabelecidas.

Esse conceito de IC é profundamente influenciado pela posição imposta ao povo colonizado, sendo esse impossibilitado de se colocar enquanto eu coletivo, apenas como “o outro”. Isso tudo muda a percepção de identidade, direcionando seu foco à memória, à fantasia, à narrativa e ao mito. Apesar dessa segunda percepção de IC ser muito mais abstrata que a primeira, causando dificuldades no entendimento do processo, ela torna muito mais evidente a relação entre “similaridade e continuidade” e “diferença e ruptura” (HALL, 1990).

Se em um primeiro momento as similaridades são o que unem esse povo em torno de uma mesma IC, essa segunda abordagem se apoia na ruptura causada pelo colonialismo e nas diferenças entre colonizador e colonizado, nas diferenças entre os dois indivíduos, e em como isso constrói uma nova identidade – um terceiro espaço – baseada na recuperação do passado e na construção de um novo futuro. Para confirmar isso, Hall (1990, p. 235) afirma que as

¹² “[...] played a critical role in all postcolonial struggles which have so profoundly reshaped the world” (HALL, 1990 p. 223).

¹³ “[...] imaginary fullness or plenitude” (HALL, 1990, p. 225).

“Identidades diaspóricas são aquelas que estão em constante processo de renovação, a partir da transformação e da diferença”¹⁴.

¹⁴ “Diaspora identities are those which are constantly producing anew, through transformation and difference” (HALL, 1990, p. 235).

2.3. TEORIA DA SEMIOTIZAÇÃO LITERÁRIA DO DISCURSO DE ANAZILDO DA SILVA

A semiótica, por ser a ciência dos signos, “[...] trouxe uma nova clareza metodológica ao estudo da literatura”¹⁵ (CULLER, 2002, p. 8). Como uma nova proposta de convenções e códigos, ela busca por um sistema de significados que permitam à substância cultural a ser como é. Como Culler (2002, p. 9) apresenta, a semiótica tem “[...] tornado claro que a tarefa da ciência do signos é entender as convenções e o funcionamento do sistema de signos que produz o mundo humano”¹⁶. Apesar de seu propósito ambicioso que em outras áreas não pode ser atingido por ser complexo demais, nos estudos literários ela tem sido muito bem aceita e muito bem sucedida em sua proposta de mudança do foco da interpretação para os mecanismos discursivos (CULLER, 2002).

Quando propõe a análise do signos, os estudos semióticos da literatura estão pensando o discurso narrativo focando nas relações entre espaço e personagem e seu papel na construção da realidade ficcional (SILVA, 1984). Assim, no interior do processo de construção de qualquer narrativa literária, a dimensão do real é o que cria as noções de mundo e humanidade, e a relação entre eles proposta na obra é o que a estrutura do real.

Essa configuração da realidade é composta por uma “dimensão objetiva” do mundo e uma “dimensão subjetiva” da humanidade (SILVA, 1984, p. 56). De acordo com Silva, a dimensão objetiva é composta a partir da expressão objetiva dos códigos de valores, e a dimensão subjetiva é formada por meio da expressão subjetiva das experiências pessoais. Por isso, o processo literário no ato da mimesis cria o espaço e o personagem, e, por converter o discurso ao seu nível de signo, a sua relação cria uma estrutura de realidade ficcional, dando forma a uma dimensão objetiva do espaço e a uma dimensão subjetiva do personagem.

Da mesma forma que a dimensão objetiva do mundo, a dimensão objetiva do espaço está presente como a expressão do código de valores e, assim como a dimensão subjetiva da humanidade, a dimensão subjetiva do personagem expressa a experiência pessoal (SILVA, 1984). O discurso literário está semioticamente carregado dessas dimensões, objetiva e subjetiva, tornando-as fundamentais para a dinâmica estrutural da realidade narrativa. Ao afirmar isso, a ruptura entre personagem e espaço, caracterizada pela perda de identidade e pelo esvaziamento da realidade ficcional, o discurso narrativo é investido pela lógica dos

¹⁵ “[...] brought a methodological clarity to the study of literature” (CULLER, 2002 p. 8).

¹⁶ “[...] made it clear that the task of a science of signs was to understand the conventions and the functioning of the sign systems that make up the human world.” (CULLER, 2002, p. 9).

acontecimentos (SILVA, 1984). Considerando essa dinâmica estrutural, é possível criar matrizes narrativas de espaço, personagem e acontecimento. De acordo com Silva (1984, p. 59) as matrizes narrativas não estão relacionadas à manifestação do discurso, “[...] mas ao nível do investimento semiológico de que ele se serve para a elaboração sígnica da posição da realidade ficcional.”

Quando considerada a narrativa de matriz semiótica do espaço, na qual o espaço rege a lógica do significado, estamos considerando que a experiência pessoal do personagem está sendo governada pelas manifestações do código de valores que representam o espaço. Silva (1984) aponta que as ações e os acontecimentos que relacionam o personagem e o espaço narrativo ganham significado pela dinâmica da dimensão objetiva desse espaço; reduzindo a essa lógica qualquer motivação pessoal do personagem em sua dimensão subjetiva.

Dessa maneira, a experiência pessoal do personagem passa a ser uma manifestação da expressão objetiva do espaço, pois está submetida à lógica da realidade ficcional desse tipo de dinâmica. Mesmo que o personagem tente reconquistar sua agência e propriedade da dinâmica estrutural, ele não irá ter sucesso. De acordo com Silva (1984), o espaço sujeita o personagem por causar sua perda de identidade primordial, submetendo cada ação ou acontecimento à sua lógica. Assim, a experiência pessoal fica no mesmo nível da expressão objetiva, o que legitima a verdade narrativa.

Em contraste, quando a expressão subjetiva do personagem carrega semiologicamente o discurso narrativo, integrando ela como dinâmica estrutural da realidade ficcional, ela impõe seu significado sobre o espaço e os acontecimentos (SILVA, 1984). Essa afirmação significa que o personagem é a lógica semiótica que rege os acontecimentos, também subordinando o espaço às suas experiências pessoais. Por isso, essa lógica permite que o personagem, pela força de vontade, realize suas motivações pessoais e alcance plenitude existencial pela subordinação efetiva do espaço ou pela sublimação desse (SILVA, 1984).

A matriz narrativa do acontecimento depende tanto do espaço quanto do personagem na mesma medida que as lógicas já apresentadas. A dinâmica do acontecimento se apresenta na frustração das tentativas do personagem de reconquistar sua identidade e na falha do espaço em governar a realidade ficcional. Ao mesmo tempo que a expressão subjetiva do espaço narrativo tenta codificar os acontecimentos, o personagem tenta convertê-los em experiência pessoal, mas como resultado desse choque eles acabam submetidos à estrutura lógica do acontecimento (SILVA, 1984).

Afastados pela dinâmica do acontecimento, espaço e personagem perdem familiaridade e a experiência pessoal do personagem passa a ser processada no vácuo

narrativo, causando a falta de sentido em sua existência. Essa afirmação significa que nessa fraca conexão entre espaço e personagem, o acontecimento é a única ligação entre eles, e, fora dessa dinâmica, eles não constituem uma ligação ou dividem outros elementos (SILVA, 1984). Em narrativas da semiotização do acontecimento, esse liberta-se do significado imposto pelo espaço e personagem, assumindo sua própria lógica e convertendo a estrutura ficcional em sua própria dinâmica.

Como o acontecimento pode tanto ser uma consequência das ações do personagem quanto da ocorrência do espaço, ele pode ser manifestado em duas maneiras diferentes. Na primeira possibilidade, as ações do personagem são projetadas na ruptura com o espaço ou no vácuo narrativo e retornam à figura que já não pode mais convertê-las em experiência pessoal. Na outra manifestação, a ruptura causada pelos acontecimentos impõe sua lógica ao espaço narrativo, sabotando as tentativas do personagem em reconectar-se ao espaço e de reconquistar sua identidade. Assim, nesse processo, os valores codificados do espaço apenas irão fortalecer a lógica dos acontecimentos.

Em ambos os casos, a proposição da realidade é elaborada a partir da ruptura entre espaço e personagem, fazendo com que suas lógicas sejam atingidas por um elemento da dinâmica do acontecimento (SILVA, 1984). Assim, a familiaridade do personagem com o espaço fica perdida nos acontecimentos. Motivados seja pelo personagem, seja pelo espaço, eles se tornam impotentes e desautorizados frente às possíveis consequências. Invalidados, eles não conseguem recuperar a dinâmica estrutural dos acontecimentos ou restabelecer a familiaridade e identidade perdidas (SILVA, 1984).

Na classificação de gêneros da ficção moderna, a narrativa fantástica aparece como uma das mais importantes. Apesar das semelhanças e diferenças entre os gêneros, a narrativa fantástica se enquadra no discurso literário de matriz do acontecimento, sendo o elemento principal para essa classificação a disparidade entre personagem e espaço (SILVA, 1984). Para as narrativas fantásticas, a dinâmica do acontecimento pode ser igualmente desencadeada por uma ocorrência do espaço quanto por uma ação do personagem, causando a ruptura, fragmentando o espaço e projetando a experiência do personagem em um tipo vazio narrativo, um vácuo. A diferença entre esse gênero e os outros é que a ruptura não é irreversível, sendo possível a reconexão entre espaço e personagem (SILVA, 1984).

Então, a experiência fantástica acontece entre duas situações estruturais, resultado de uma perda momentânea de identidade entre personagem e espaço, que depois é restituída. Ao ficar entre essas duas estruturas, a situação fantástica é capturada pelo suspense, causando uma ambiguidade (SILVA, 1984). Enquanto o narrador tenta recodificar o espaço ou

preencher o vazio das experiências do personagem, ele submete a situação fantástica a uma nova lógica, centrada no personagem ou no espaço (SILVA, 1984). No entanto essa tentativa não é completamente bem sucedida em um nível superficial de análise, porque seu sucesso implica na destruição da ambiguidade. Assim, essa recodificação do acontecimento acontece em um nível mais profundo de análise, o que permite seu sucesso ao mesmo tempo que permite seu fracasso (SILVA, 1984).

Em oposição às narrativas tradicionais, as ficções fantásticas modernas geralmente trabalham a questão do deslocamento entre a experiência pessoal do personagem e a expressão objetiva do espaço sem apelo explícito à magia (SILVA, 1984). Isso gera um movimento interessante no qual não existe diferença entre a realidade objetiva e a realidade fantástica, sendo a ruptura de identidade entre espaço e personagem muito mais profunda e muito mais ambígua.

Também chamada de metáfora – termo utilizado na análise literária para designar um aspecto que precisa de elucidação – essa ambiguidade permite um segundo nível de análise que é crucial para a investigação desta pesquisa. Mesmo que o debate que qualifica uma obra como narrativa fantástica tradicional ou moderna não seja relevante para este estudo.

3. METODOLOGIA

Como já foi mencionado, esta análise irá investigar o romance *A Senhora das Especiarias*, uma narrativa fantástica de Citra Divakaruni. Primeiramente, por se tratar de uma obra que não é reimpressa há pelo menos 10 anos e com poucos exemplares disponíveis em bibliotecas e sebos, irei contextualizar a narrativa. Isso auxiliará uma compreensão com profundidade das escolhas teóricas e da análise proposta. Depois, a partir da teoria da semiotização literária do discurso de Anazildo da Silva (1984), irei demonstrar como essa narrativa, enquanto fantástica, pertence à classe das narrativas de matriz do acontecimento. E, como parte dessa abordagem, irei demonstrar como essa lógica de acontecimento se relaciona à experiência pessoal de Tilo e à dimensão objetiva do espaço. Em outras palavras, irei mostrar como a perda de identidade cultural é retratada e os motivos da reconexão ao final da narrativa.

Além disso, pela qualidade de narrativa fantástica e, por isso, possuir dois níveis de análise, expressarei como se apresenta a metáfora e como isso se desenvolve no segundo nível de análise. Para isso, analisarei o comportamento de Tilo e suas tentativas de recuperar o controle da narrativa. Finalmente, demonstrarei como essa narrativa, em segundo nível, se apresenta de matriz semiótica do personagem.

Essa análise literária produzirá um ambiente prolífico para a discussão acerca das tentativas de Tilo de recuperar controle sobre os acontecimentos e como o código de valores do espaço a retrata como transgressora. Para isso, explorarei a representação simbólica da migração presente na narrativa e como a experiência diaspórica a constitui como híbrida. Depois, enquanto desenvolvo a ideia de Tilo ser uma figura de cultura híbrida, elucidarei como o processo de adaptação e negociação cultural a transformam em uma transgressora das tradições de sua terra de origem.

Para caracterizá-la como transgressora, primeiro irei identificar de quem ou do que ela está se libertando, aquele ou aquilo que simboliza seu opressor. Então, explorarei as razões pelas quais ela se manteve submissa à essa figura opressora durante grande parte da narrativa. Finalmente, irei, mais uma vez, conectar esse processo aos aspectos de uma narrativa centrada no acontecimento – em primeiro plano – e no personagem – em segundo plano.

4. A SENHORA DAS ESPECIARIAS

4.1. CONTEXTUALIZANDO A NARRATIVA

O romance *A Senhora das Especiarias* apresenta a jornada da personagem principal, Tilo, em se tornar uma Senhora das Especiarias e a sua queda, se tornando apenas uma mulher comum. A narrativa é apresentada em primeira pessoa, sendo contada por Tilo, e os elementos que compõem o discurso da personagem causam certo estranhamento no leitor, uma vez que a impressão de visão limitada proporcionada por esse foco narrativo nem sempre se faz presente. Essa sensação de onisciência faz parte da construção da personagem e é consequência dos seus poderes, visto que consegue ler os pensamentos dos seus clientes e a história de vida mesmo que eles não se abram para ela. Porém uma análise mais qualificada é necessária, ficando o convite para mais estudos visando esse aspecto da obra.

Além disso, a narradora investe longas partes da narrativa em debates com o leitor e consigo mesma. Desde o início da narrativa, ela mostra grande interesse pela exposição de sua história, desejando que todos saibam o que aconteceu e, para isso, promove uma série de *flashbacks* enquanto apresenta as situações do presente. Apesar desse movimento narrativo dar a impressão dos fatos serem contados no mesmo momento que acontecem, ao final da obra existe a sensação de se tratar de uma atitude intencional da narradora, em que tudo faz parte de um grande *flashback* intercalado por *flashbacks* mais antigos. Santos (2017, p. 37) ajuda a entender como essa metáfora da migração presente na obra dá suporte a esse movimento na narrativa:

Dessa maneira, não estou falando em experiências geográficas narradas, mas em narrativas das experiências geográficas. Enquanto a experiência narrada caracteriza-se pela linearidade da experiência seguida pela narração, a narrativa da experiência não apresenta uma sequência linear, mas uma dialética em que narrativa e experiência se transformam mutuamente.

Na primeira digressão ela retorna à sua infância, ainda quando seu nome era Nayan Tara. Ela explica que o nome significa olho da estrela, estrela vidente e flor que nasce na beira da estrada de terra; sendo que todos esses significados de alguma maneira se manifestam nas situações que a criança viveu – isso quando não explicam o porquê desses acontecimentos. Em *flashbacks* mais avançados na história, ela revela ter sido também uma pirata e nessa fase seu nome é Bhagyavati, aquela que possui sorte, e, pelo que ela conta, recebeu esse nome por suas habilidades mágicas que a permitiam facilmente encontrar ouro.

Porém seu nome, mais uma vez, funciona como símbolo de suas experiências, uma vez que ela revela também sua facilidade de escapar da morte eminente.

Após uma conversa com as serpentes do mar, ela encontra uma ilha onde aprende sobre os segredos mágicos das especiarias. Lá, para finalmente se tornar uma Senhora das Especiarias, ela passa por um ritual no qual recebe um novo nome, dessa vez escolhido por ela, Tilo, a abreviação de Tilottama. Ela explica que a escolha foi feita também com base no seu significado, sendo ele grão de gergelim, provedor da vida, restaurador da saúde e da esperança. Porém, mais tarde, ela aprende que seu nome também pertenceu a uma antiga figura mitológica, a dançarina principal da corte de Indra, que jamais poderia entregar seu amor a um homem, apenas à dança. Esse significado também se torna importante para a narrativa.

Esse ritual a leva para Oakland, São Francisco. Lá ela é dona de sua própria loja de especiarias e, sob a identidade de uma vendedora idosa, sua tarefa é ajudar seu povo que mora naquela terra. Conforme o enredo se desenvolve, ela ajuda e interage com diversos clientes, indicando a melhor especiaria para cada situação de dificuldade. Um dia, um homem, que ela assume não ser indiano como ela e seus clientes, visita a loja e ela se apaixona por ele. É nesse momento que sua relação com as especiarias se torna conflituosa.

É importante ressaltar a relação entre Tilo e as especiarias. Ela explica em vários momentos da narrativa que é importante ouvi-las e respeitá-las, pois somente assim as especiarias trabalhariam em favor dela e de seus clientes. Em diversos momentos eram retratadas conversas entre a personagem e as especiarias, diálogos em que, por conta de um bom comportamento, ela era informada de que será recompensada, ou por mau comportamento será punida, ou, ainda, tentativas das especiarias de ludibriá-la a fim de que ela finalmente quebrasse todas as regras. Após a visita do jovem, ela começa a burlar as normas com mais intensidade e frequência, causando um clima de grande hostilidade entre a personagem e as especiarias. Exemplos dessa tensão são ela deixar de ouvir as especiarias cantarem e ter grande dificuldade de proporcionar efeito efetivo em seus feitiços. Chegando até a ser ameaçada pelas especiarias da perda de seus poderes.

Após ter uma noite de amor com esse jovem, ela recebe um ultimato: Tilo tem três dias para encerrar suas atividades na loja em Oakland e retornar à ilha, possivelmente de onde não poderá mais sair depois de passar por mais um ritual no qual irá perder seus poderes ou até mesmo morrer. Tilo toma esses três dias como oportunidade de fazer tudo aquilo que deseja, procurando ajudar seus clientes ao máximo nesse último momento, mas também de revelar seu amor por Raven, o jovem pelo qual ela arriscou tudo.

Nesse período, Raven revela a ela que na verdade é um xamã de uma comunidade nativa e que por conta de um incidente acabou não podendo aprender como usar seus poderes na totalidade, mas que sempre pôde enxergar a verdadeira mulher dentro daquele corpo de idosa. Em segredo, Tilo deixa Raven e começa a preparar o ritual de retorno à ilha, porém o fogo sagrado não acende e, em vez disso, um grande terremoto atinge toda a cidade de São Francisco, destruindo tudo. Após perceber que não estava na ilha, as especiarias revelam que, por aceitar seu destino, Tilo foi recompensada com a possibilidade de continuar onde está, porém como uma mulher comum e mortal. Com isso, ela percebe que seu caminho enquanto Tilo está encerrado e decide que precisa de um novo nome, um que represente quem ela já foi e quem ela é agora. Raven sugere o nome Maya, que significa ilusão, encantamento e poder que mantém esse mundo imperfeito em movimento. Tilo, agora Maya, convence Raven a permanecer em Oakland e ajudar as vítimas do terremoto, que, no final das contas, foi causado por ela e pelas especiarias.

4.2. ANALISANDO A NARRATIVA

Por ser uma narrativa fantástica, esse romance é centrado na lógica dos acontecimentos. Para demonstrar isso, precisamos nos concentrar na organização do livro. A obra é dividida em 60 capítulos distribuídos nas seguintes 14 partes: Tilo, I Cúrcuma, II Canela, III Feno-grego, IV Assa-fétida, V Erva-doce, VI Gengibre, VII Pimenta-do-reino, VIII Kali Jire, IX Neem, X Pimenta Vermelha, XI Makaradwaj, XII Raiz de Lótus, XIII Gergelim, Maya. É importante perceber que Gergelim aparece duas vezes na lista: na primeira como Tilo, o nome da personagem; e a segunda como gergelim mesmo. Se percebermos isso com um olhar semiótico, iremos notar que XIII Gergelim é a última parte da narrativa em que Tilo usa esse nome. Considerando que cada parte tem o nome da especiaria que será solução, causa ou é poderosa o suficiente para resolver o problema, mas não o faz; essa organização participa dos elementos elucidativos do processo de perda e recuperação da identidade.

Na primeira parte chamada de Tilo (gergelim), somos apresentados à Tilo, de onde ela veio, o que aconteceu em sua vida antes de ser uma Senhora das Especiarias e como ela se tornou uma. Depois de 12 partes, nas quais somos apresentados aos clientes e suas angústias, às especiarias e seu código de valores imposto às Senhoras das Especiarias, e ao desenvolvimento da ruptura entre espaço e a personagem, finalmente chegamos na parte XIII Gergelim. Nessa parte, Tilo se reconecta com o espaço e recupera sua identidade, impondo sua lógica ao espaço, mas não aos acontecimentos.

Mesmo que Tilo imponha sua lógica ao espaço – ela não precisa voltar para a ilha, muito menos acaba morta como pensou que poderia acontecer – isso acontece em um segundo nível da narrativa. Por isso, primeiro irei explorar os aspectos superficiais da narrativa, para depois me preocupar com análises mais profundas em segundo nível.

Recuperando a ideia de que a ficção fantástica depende do fracasso do personagem nas tentativas de recuperar o controle da narrativa, podemos entender o porquê dela não poder mais viver como Tilo. Caso ela pudesse permanecer com a mesma identidade apresentada no início da obra, essa narrativa com certeza seria centrada na lógica da personagem, mas, por impossibilidade do gênero, essa vitória total não é possível, sendo necessário que ela deixe algo para trás, que perca algo. Em algum ponto da narrativa, Raven, o jovem xamã por quem Tilo se apaixona, explica sobre sua mãe e usa um argumento que captura os motivos pelos quais Tilo, ao se tornar Maya, não está recuperando a identidade perdida, mas criando uma nova: “[...] quando assumiu um nome bonito e decente do jeito que sempre quis, foi a mesma coisa que morrer” (DIVAKARUNI, 1997, p. 179).

Partindo dessa fala de Raven, podemos pensar que existem na verdade quatro personagens principais nessa narrativa: a primeira Nayan Tara, a segunda Bhagyavati, a terceira Tilo, e finalmente Maya. Com isso, pode-se, mais uma vez, apontar porque Tilo não teve sucesso completo em um primeiro nível de análise da narrativa. Por mais que ainda seja a mesma pessoa, uma mesma “alma”, a identidade perdida não foi recuperada, mas substituída. O que configura o fracasso substancial de Tilo.

Adotando outro ponto de vista e deixando as características da personagem de lado por enquanto, o fracasso do espaço também é evidente. Caso consideremos as especiarias como personagens atuando em favor do espaço, elas alertaram, ameaçaram, maltrataram e enganaram Tilo. Num primeiro momento, tentam afastá-la das tentações, mas, quando o esforço parece inútil, elas começam um jogo para acelerar sua desgraça. O que é outro esforço inútil, haja vista que ela não passa por uma desgraça total no final de *XIII Gergelim*, expondo a frustração das tentativas do espaço em recuperar poder sobre as ações da personagem e do desenvolvimento da narrativa.

Anteriormente foi mencionado que essa narrativa, em um segundo nível, se caracteriza pela lógica do personagem. A ambiguidade está relacionada ao fato de que Tilo não poderia ter agência sobre o desenrolar do enredo, porém ela impõe suas motivações. Considerando que o texto retrata simbolicamente uma situação de migração, uma vez que Tilo passa pelo processo de abandono da terra natal e se estabelece no Ocidente – da mesma maneira que seus clientes imigrantes, porém sendo empregado o discurso mágico – podemos entender suas tentativas de recuperação de identidade e reconexão ao espaço como tentativas de adaptação à nova cultura.

Em seus relacionamentos com os clientes e Raven, Tilo está constantemente tomando parte em debates sobre cultura e tradição, e também sobre como a comunidade indiana é vista como exótica e pura (em níveis de inocência e moralidade). Em algumas das vezes, ela considera a tradição como um aspecto ainda muito importante para alguns, mas também que para outros ela já não oferece as respostas necessárias à vida na nova terra. Um exemplo disso é a seguinte passagem:

“Geeta”, invoco em silêncio depois que ele sai, “Geeta cujo nome significa música suave, conserve sua paciência seu humor sua alegria de viver. Estou aqui queimando incenso da flor do champak pedindo harmonia para o seu lar. Geeta que é a Índia e a América juntas formando uma nova melodia, seja condescendente com um velho que se aferra ao passado com toda a força de suas mãos enfraquecidas. (DIVAKARUNI, 1997, p. 102).

gNesse momento fica claro que Tilo não está apenas pensando sobre a neta de seu cliente, mas está refletindo sobre si mesma. Ela está expondo seus pensamentos sobre uma situação externa que retrata os seus conflitos internos e suas convicções sobre si mesma.

Existem muitos momentos como esse na obra, em que Tilo expressa uma opinião sobre algo que aparentemente não se relaciona a ela, mas que tem total relevância para sua autoimagem. Na página 32 (DIVAKARUNI, 1997), ela diz: “Eu Tilo, arquiteta do sonho do imigrante.” e apesar da reflexão ser direcionada a um de seus clientes, ela também está arquitetando seu próprio sonho, pois a percepção de que ela é também uma migrante demora a chegar à personagem.

Em outras passagens, Tilo expõe o conflito entre ela e o código de valores do espaço. “Mestra das especiarias mas também sua criada.” (DIVAKARUNI, 1997, p. 88) é como ela se refere a si mesma e ao fato de não poder correr atrás de seus sonhos e satisfazer seus desejos. Mas, com a passagem do tempo, ela fica mais corajosa e ousada, se transformando em uma transgressora.

Conforme sua confiança em seguir esse caminho aumenta, ela passa a ter mais reflexões interessantes que revelam sua posição de transgressora. O que começa pequeno, conforme a seguinte passagem: “É meu desejo que quero realizar, pela primeira vez.” (DIVAKARUNI, 1997, p. 97), cresce com o avançar dos capítulos. Durante o processo de se tornar uma transgressora, Tilo parece estar bastante consciente de suas ações, ou, em outras palavras, de suas tentativas de recuperar controle contra a lógica do acontecimento. Isso se revela no seguinte trecho: “Eu nunca tinha medido forças com as especiarias. Nunca tinha colocado o desejo à frente do dever.” (DIVAKARUNI, 1997, p. 144). Isso também é observável em: “Mas estou melhorando nisso, dobrando a vontade das especiarias à minha. [...] Será sempre assim quando procuramos o que é proibido, que uns chamam de pecado?” (DIVAKARUNI, 1997, p. 145).

Assim, para pensar Tilo como transgressora, precisamos saber contra o que ou com quem ela está se rebelando e em que termos essa opressão está ocorrendo. Por isso, no desenvolvimento da narrativa, em uma perspectiva pós-colonial, algumas opções de colonizadores são apresentadas. Para essa compreensão podemos prosseguir por dois caminhos diferentes. No primeiro, encara-se cada mudança de nome como uma mudança de personagem e tenta-se observar qual elemento que esteve a serviço do espaço ocupando essa posição opressora em cada fase. Num segundo caminho, pode-se observar a personagem em sua totalidade, buscando uma figura opressora que a acompanhou por toda a narrativa.

Observando os efeitos da primeira opção, ela se torna irrelevante para os objetivos deste estudo, pois considerando a fase em que a personagem se chama Maya, o ápice de seu movimento transgressor, não podemos interromper a análise de Tilo e recomeçar com Maya sem levar em conta todo o passado da personagem. Da mesma forma, não podemos abandonar Nyan Tara para analisar Bhagyavati, nem interrompê-la para pensar Tilo. O que nos leva diretamente ao segundo caminho de análise.

Além disso, no segundo caminho, tem-se mais elementos que proporcionam, ao final, maior segurança na análise. Em um primeiro momento, pode-se pensar que os nomes governam sua trajetória durante toda a narrativa. Mesmo que ainda não seja o elemento que representa o opressor de Tilo, essa análise do efeito dos nomes é muito interessante para este estudo, uma vez que abrirá as portas para entendimento da figura que realmente ocupa essa posição.

A perspectiva de um fio condutor que perpassa toda a narrativa ajuda a pensar a presença do elemento transgressor em todas as fases da personagem até sua liberação no final da obra. A partir desse ponto, devido à organização interna da narrativa, irei exemplificar de maneira singela a influência do nome nas fases Nyan Tara, Bhagyavati, Tilo e suas implicações para a fase Maya.

Por tudo que já foi exposto neste texto, podemos afirmar que todos os eventos, desde a fase Nyan Tara, contribuíram para que a personagem se transformasse em uma Senhora das Especiarias, bem como deixasse ser. Em todas as fases da narrativa, até que finalmente a personagem se torne Maya, observa-se sua busca pela identidade. Quando criança, na fase Nyan Tara, a menina já age na busca pelo controle de sua narrativa. Se, em um primeiro momento, a criança é tratada com indiferença e com certo nível de abandono, após a revelação de seus poderes a personagem tem a oportunidade de inverter a dinâmica estrutural e assumir controle da narrativa – o que infelizmente não acontece. Para evidenciar a influência de seu nome, precisamos primeiro pensar no significado que a personagem “esquece”: Nyan Tara, além de estrela que vê ou olho da estrela, também significa flor que nasce à beira da estrada de terra. Como a própria personagem aponta, ela realmente é uma preciosidade nascida em um lugar hostil, uma criança que, além de menina, tem a pele escura demais – motivos de desgosto para os pais da criança. Jamais iria muito longe na vida, mas nela se desabrocha o poder da vidência, da cura e a facilidade em encontrar o ouro, revelando os outros significados de seu nome e limitando sua vida ao exercício de seus poderes no auxílio à comunidade.

A fase em que a menina se chamará Bhagyavati se inicia ainda quando a personagem se chama Nyan Tara. Na busca por se livrar dessa situação e pela sedução que as histórias de piratas tem sobre a menina, ela começa a ter “pensamentos de chamar” – mesmo que a criança ainda não soubesse como esse pensamento se operava, nem como era denominado – o que atrai os piratas para sua vila, causando o seu sequestro e destruição do local. Por mais que de maneira inocente e despreziosa, esses pensamentos podem ser enquadrados em um comportamento transgressor, uma vez que a menina sabia que os piratas representavam grande perigo.

Ao se tornar pirata e ser renomeada como Bhagyavati, a personagem passa anos sendo a “bússola” do comandante, pois seus poderes indicavam a presença do ouro e como chegar até ele. O nome, que significa possuidora de sorte, pode ter influenciado nessa tarefa, mas pode retratar o encontro da ilha onde ela receberia o treinamento para se tornar uma Senhora das Especiarias. O ato de transgressão nessa fase pode ser compreendido pela recusa em aceitar as orientações das serpentes. Mesmo sabendo dos riscos e perdendo a amizade com essas criaturas, a menina parte em direção a essa ilha de localização perdida.

Após chegar à ilha, a menina perde seu nome. Ela passa todo o processo de treinamento sem um. Pode-se considerar, pelos relatos da personagem, que essa foi a fase mais livre e feliz de sua jornada, sendo a ilha o primeiro local em que a jovem sentiu-se pertencer. A estranha relação entre não possuir um nome e finalmente se identificar com um lugar será retomada mais à frente nesta análise. Durante o ritual do fogo, a personagem tem a chance de escolher para onde vai e qual nome deseja ter. Como já mencionado neste trabalho, o nome da personagem traz duas facetas: por um lado, o significado que ela desejou por trazer elementos que ela considera importantes para a sua prática como Senhora das Especiarias; e, por outro, o significado que ela desconhecia e que acaba trazendo os motivadores de sua queda.

Enquanto Tilo, a personagem precisa viver segundo três regras, aqui parafraseadas: 1) não poderia deixar a loja; 2) não poderia tocar ninguém, qualquer que fosse a pessoa; e 3) não poderia entregar seu amor à outra figura que não fosse a das especiarias. Caso quebrasse essas imposições, Tilo seria punida fisicamente e em casos extremos perderia seus poderes e retornaria à ilha, sendo também uma possibilidade a sua morte a depender do grau de insubordinação. Conforme já foi esclarecido, a jovem quebra todas as regras, seja auxiliando os clientes, seja em sua relação com Raven, e como também já foi exposto neste estudo, ficando evidente sua transformação em transgressora.

Quando a personagem perde os poderes e se torna uma mulher comum e mortal, ela tem a oportunidade de escolher um quarto nome, dessa vez expressando o desejo de possuir um nome que represente quem ela já foi e quem ela é, conforme o seguinte diálogo com Raven: ““Que tipo de nome você quer?” ‘Um que englobe meu nome e o seu, a Índia e a América, pois agora pertenço às duas. Existe um nome assim?’” (DIVAKARUNI, 1997, p. 342). Nesse último momento da história, é possível perceber aspectos de transgressão também, mesmo que sem as alegorias fantásticas das fases anteriores da narrativa, pois Maya se nega a seguir aquilo que Raven propõe à ela, agora não mais se insurgindo contra o discurso mágico, mas contra o discurso machista presente nas atitudes do xamã.

Nessa breve elencação dos motivos pelos quais o nome poderia ser o elemento que oprime a personagem durante a narrativa, foram expostos alguns aspectos importantes no que tange à questão da imigração e ao discurso opressor a que se submete a personagem. Retomando alguns elementos das discussões sobre identidade de Bhabha e Hall, bem como da teoria de análise semiótica proposta por Anazildo da Silva, é possível identificar a verdadeira face da dinâmica objetiva, o espaço, da narrativa.

Primeiramente, irei explicar a respeito do espaço, e, depois, acerca da questão da diáspora, seguindo a lógica dos dois níveis de análise.

A caminhada pelos motivos que levam a personagem a se configurar enquanto transgressora ajudou a evidenciar que o elemento representante do espaço não é seu nome, mas algo que está muito relacionado a eles, algo anterior: o discurso mágico. Se pensarmos o discurso mágico como código de valores com o qual Tilo perde identidade, fica claro que seu nome e as especiarias estavam apenas trabalhando a favor do espaço. Enquanto presença da dimensão objetiva e segundo os elementos da teoria de Silva, podemos perceber que no momento em que a personagem perde identidade com o discurso mágico, abre-se espaço para que a lógica do acontecimento controle o desenvolvimento da narrativa.

Agora, observando os elementos que justificam classificar essa obra enquanto narrativa diaspórica, podemos trazer a semiótica novamente ao centro do debate. Conforme já foi citado anteriormente, Shackleton (2008, p. 9) classifica a migração “[...] em termos de adaptação e construção – adaptação às mudanças, aos deslocamentos e às transformações, e a construção de novas formas de conhecimento e visões de mundo”. Podemos entender essa adaptação e construção, mais uma vez, como parte do processo de perda e ganho de identidade com o espaço. Também podemos citar Souza (s.d., p. 37) na tentativa de entender as motivações das ações de Tilo durante esse processo:

Portanto, esses componentes da alienação geográfica, no sentido da perda, da ruptura, da descontinuidade e da separação; da negação, na óptica da ausência e carência; do inconformismo antagônico e contraditório; e da idealização do passado e do futuro, consistem nos elementos comuns entre as experiências geográficas de formação e as práxis dos sujeitos [...].

Cada aspecto está muito bem relacionado ao outro, sendo que cada um intensifica a razão de ser do outro. Por ser uma narrativa fantástica, já é classificada enquanto expressão da lógica do acontecimento; reforçando essa classificação, temos a personagem em situação de perda de identidade com o discurso mágico (espaço); além disso, o contexto diaspórico proporciona motivação verossímil tanto para a perda de identidade quanto o processo de transgressão, o que na verdade configuram apenas um movimento: o de adaptação à nova cultura, sendo a fase Maya representante da retomada de identidade entre espaço e personagem.

Além disso, Handy (2008, p. 14)¹⁷ explica que a migração é constituída “[...] pelo cruzar de uma linha, ou de muitas linhas, para ser mais específica. O ato de cruzar uma fronteira geográfica precede o atravessar de outras fronteiras metafóricas [...]”. Sendo possível observar todas as frases anteriores à Maya como o cruzar dessas fronteiras metafóricas. Assim, podemos encarar os eventos de destruição literal ou metafórica como o cruzar desses limites. Quando os piratas destruíram a vila de Nyan Tara, ou quando Bhagyavati estava em uma situação de morte eminente, mas foi salva pelas serpentes marinhas, ou quando o fogo por meio do ritual a transformou em Senhora das Especiarias e, ainda, o terremoto que destruiu São Francisco, são eventos que podem ser considerados fronteiras metafóricas no processo de migração da personagem.

Finalmente, para encerrar esta análise, gostaria de levantar novamente a questão da figura opressora contra quem a personagem insurge. O espaço não deixa de existir quando o discurso mágico deixa de operar como estrutura objetiva da narrativa, porém, da mesma maneira que Tilo deixa de ser uma figura mágica, o código de valores que rege o espaço também o deixa de ser. Se Tilo é uma mulher diferenciada a quem os discursos opressores da mulher comum não atingem, quando passa a ser Maya, os discursos mágicos deixam de surtir efeito, sendo substituídos por aqueles que oprimem a mulher comum. Assim sendo, podemos perceber diferenças entre as relações de Tilo e Raven; e de Maya e Raven. Ao leitor atento chega a ser decepcionante como de repente o rapaz passa a tratar Maya de maneira diferente, a insistência de Raven em desconsiderar os desejos da ex-Senhora das Especiarias, apesar de

¹⁷ O original em inglês já foi inserido em nota de rodapé anterior.

causar certo desconforto, atinge o efeito adequado na proposta de se mostrar a mudança de atuação dos discursos opressores e no código de valores que corresponde ao espaço.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta análise de *A Senhora das Especiarias* levantou diversos temas que circulam a construção da personagem principal, Tilo, no processo simbólico de sua migração. Apoiada na Teoria da Semiotização Literária do Discurso de Anazildo da Silva e nos pensamentos de Bhabha e Hall, esses temas foram aprofundados para se extrair quais aspectos participam da construção do enredo e da figura transgressora da personagem no contexto da narrativa diaspórica.

Diversos aspectos formais, trazidos pela semiótica, colaboraram para que esta análise tenha caminhado em direção à questão da identidade no romance. Os variados exemplos levantados durante a análise conseguiram mostrar como a relação do espaço e da personagem, permeada pela lógica do acontecimento, fomentam o debate acerca da transgressão e construção de uma nova identidade cultural e, assim, clareiam a metáfora presente na migração da personagem.

Os movimentos da personagem contra o espaço, os valores codificados do discurso mágico, constituíram as tentativas de recuperação não só do controle da narrativa, mas da identidade perdida no processo simbólico de migração. Os conflitos e negociações que perpassam a formação do híbrido foram apresentados na tentativa de se confirmar, a partir do discurso literário, as relações apresentadas por Bhabha nas obras consultadas.

6. REFERÊNCIAS

- BHABHA, Hommi. Culture's in Between. In: BHABHA, Hommi Bhabha. **Questions of Cultural Identity**, 1996. p. 53-60. Disponível em: <<https://goo.gl/pCjSsZ>>. Acesso em: 18 jun. 2017.
- BHABHA, Hommi. Now Newness Enters the World: Postmodern Space, Postcolonial Times and the Trials of Cultural Translation. In: BHABHA, Hommi et al. **Writing Black Britain 1948-1998: An Interdisciplinary Anthology**. 1998. Disponível em: <<https://goo.gl/zLhkBH>>. Acesso em: 18 jun. 2017.
- CULLER, J. D. Preface to the Cornell's Paperbacks Augmented Edition. In: CULLER, J. D. **The Pursuit of Signs: Semiotics, Literature, Deconstruction**. Ithaca: Cornell University Press, 2002. Disponível em: <<https://goo.gl/MAUYQK>> . Acessado em: 17 jun. 2017
- DIVAKARUNI, Citra. **A Senhora das Especiarias**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- HALL, Stuart. The Question of Cultural Identity. In: HALL, Stuart et al. (Orgs.). **Modernity and its futures**. Cambridge: Polity Press in association with the Open University, 1992. p. 273-316.
- HANDY, Felicity. Coping With Khandaanity in Diaspora Spaces: South Asian women in East Africa. **Revista Canaria de Estudios Ingleses**, v. 70, p. 13-39 2015. Disponível em: <<http://publica.webs.ull.es/upload/REV%20RECEI/70%20-%202015/RCEI%2070-2015.pdf#page=14>>. Acesso em: 30 maio 2017.
- KLEIN, K. F. Cânone e Exclusão. **Em Tese**, v.19, n. 2, p. 111-121, ag./out. 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/viewFile/4999/4699>>. Acesso em: 07 nov. 2017.
- LEWIS, J. From Culturalism to Transculturalism. **Iowa Journal of Cultural Studies**, v. 1, n. 1, p. 14-32, 2002. Disponível em: <<http://ir.uiowa.edu/ijcs/vol1/iss1/4/>>. Acesso em: 19 jun. 2017.
- NAGLE, Sarah. World Literature: Theories in the Context of Globalization. **Global Currents**, 3 dez. 2014. Disponível em:

<<http://publish.illinois.edu/globalcurrents/2014/12/03/world-literature-theories-in-the-context-of-globalization/>>. Acesso em: 7 nov. 2017.

SALOMÃO, A. **O componente cultural no ensino e aprendizagem de línguas: desenvolvimento histórico e perspectivas na contemporaneidade**. 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/MnhZrW>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

SANTOS, Júlio de Souza Santos. **Experiências Geográficas e Educação**. Curitiba: Appris, prelo.

SHACKLETON, M. Introduction. In: SHACKLETON, M. (Org.). **Diasporic Literature and Theory - Where Now?**. Cambridge Scholars Publishing, 2009. p. IX-XIV. Disponível em: <<https://goo.gl/aKf6j1>>. Acesso em: 5 maio 2017.

SILVA, Anazildo da. **Teoria da Semiotização Literária do Discurso**. São Paulo: Elo, 1984.